



Marina Bouzon



Professora do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas da UFSC e Coordenadora dos cursos em Engenharia de Produção do mesmo departamento. Obteve sua formação acadêmica na UFSC, sendo formada em Engenharia de Produção Civil, mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Eng. Mecânica na área de manufatura enxuta e doutora em Logística pelo Programa de Pós-Graduação em Eng. de Produção. Fora da academia, atuou em empresas como Embraco, Intelbras, AcelorMittal e trabalhou como consultora empresarial.

Durante seu doutoramento, integrou o Laboratório de Desempenho Logístico e residiu durante um ano na Dinamarca, onde realizou seu doutorado sanduíche na University of Southern Denmark com o renomado Prof. Kannan Govindan. Atua nas áreas de logística e cadeia de suprimentos, gestão ambiental, gerenciamento de projetos e projeto de produto.

Por que escolheu a engenharia? E o que mais te encanta na Engenharia de Produção?

Até hoje estou me respondendo essa pergunta. Acho que todas as pessoas passam por isso, ou muitas pessoas, é difícil quem nasce com uma vocação específica e, por exemplo quer ser médico. Eu nunca tive isso, foi mais por ter facilidade, gostar da área de física e matemática durante a época de colégio, que acabei indo para área de Engenharia. Cogitei fazer jornalismo, direito (primeiro vestibular), só sabia que não queria a área da saúde. Meu pai é engenheiro civil e como eu gostava da área de exatas, acabei indo para Engenharia. Escolhi Engenharia de Produção Civil, porque gostava de Administração também, juntando, assim, duas áreas que gostava. Gostei muito e me apaixonei pelo curso, mas acabou que eu nunca estagiei na área da Civil, sempre na indústria.

E por que escolheu ser professora? Como foi assumir a coordenação do curso?

A profissão me deu algumas decepções, no sentido de quando eu fiz meus primeiros estágios, ou trabalhando como consultora, eu vi que não era meu perfil. Não me encaixava muito bem na indústria ou empresas, era algo que eu não entendia como meu propósito de vida, ou seja, não me sentia plena ou completa. Na época da graduação, ainda no GELOG, eu comecei a gostar de apresentar palestras internas e ensinar os outros, sentia que o tempo passava e nem percebia. Aquela sensação de



CONHEÇA SEU PROFESSOR

quando a gente faz o que gosta, ali tivemos primeiros insights. Também por questões de objetivos de vida, de personalidade, nas coisas que acredito, acho que contribuo mais para a sociedade como professora. Fui também influenciada pela minha mãe, professora da UFSC aposentada. Eu tenho uma memória de, quando estava ainda no primário, vir a UFSC assistir uma aula dela. Acho que surgiu aquela admiração, primeiro interesse. Além disso, eu sempre gostei muito de estudar e frequentar as aulas.

Com relação à coordenação, não estava nos meus planos, achava que era mais para professores mais sêniores, mas teve uma combinação de fatores como as pessoas interessadas para o cargo, pessoas com perfil para o cargo. Não foi uma ideia que partiu de mim, partiu da coordenação anterior e de outros professores que me incentivaram. Apesar de achar que tenho perfil de lidar com as pessoas e com os alunos, me considerava muito jovem e com pouco experiência na instituição. Mesmo assim, assumi esse desafio e fui eleita. Hoje, eu trabalho em 4 pilares, sala de aula, pesquisa, extensão e administração. Isso significa que só a coordenação são 30 horas semanais, se eu for trabalhar 40 horas semanais tenho que encaixar minhas outras atividades nessas 10 horas. Infelizmente, nem sempre consigo me dedicar a coordenação como eu gostaria, o que gera um certo sentimento de insatisfação, porque eu tenho um compromisso com todas as atividades que eu faço.

Para você, o que é mais gratificante na sua profissão?

Quando consigo fazer tudo num dia só, quando eu ministro uma boa aula, avanço na minha pesquisa, consigo atender meus alunos e vejo que consegui contribuir para a formação de pessoas. Basicamente, é quando eu vejo o crescimento dos alunos.

Como é ser mulher na sua área de trabalho?

Quando entrei na Produção Civil, eram 5 mulheres e 55 homens. Esse parâmetro já mudou bastante felizmente. Quando eu decidi por fazer Engenharia, minha mãe comentou que era um curso muito masculino, sem nenhum preconceito, mas pela geração em que viveu. Durante o curso, eu nem fazia essa diferenciação e convivia muito bem com os meninos, como se fosse um deles. De vez em quando, havia uma certa piadinha, já que ia muito bem nas matérias. Eles comentavam que eu tirava boas notas “porque é mulher”, “porque tem sorriso bonito” e não porque me esforcei, estudei para aquilo. Não via isso como uma barreira, mas um aprendizado. Antes eu ria dessas situações, hoje eu já prefiro responder.

Como enxerga a educação da Engenharia no país hoje? O que poderia ser diferente?

Falando de engenharia, falta um casamento maior dos cursos da graduação e pós graduação com a indústria. Vejo fora do país que as indústrias estão mais ligadas e até inseridas nas universidades, essa troca é uma simbiose que deveria ser mais incentivada. Por exemplo, é muito triste que, no Brasil, uma pessoa que tem doutorado está totalmente voltada para a vida acadêmica. Esse “super” especialista, no exterior, é muito valorizado nas empresas. Outra questão é que a Engenharia, no

nosso país, está um pouco atrás no quesito de como é visto o ensino. É preciso focar mais no aprendizado do que no ensino. Esse modelo tradicional de sala de aula é o que se faz há séculos. Estamos em um momento mais tecnológico que pede um novo modelo de aprendizagem mais ativo, já que o conhecimento está espalhado por toda parte, não somente na figura dos professores ou de um livro apenas. Se algum dia eu participar de uma reestruturação curricular gostaria de colocar muito dessas ideias em prática, como trabalhar de uma maneira mais transversal entre as disciplinas, focar mais nas habilidades que devem ser desenvolvidas e como estruturar as disciplinas com base nisso.

Como o mercado recebe o profissional de engenharia de produção formado pela UFSC?

É muito bem visto e recebido, mas podemos traçar estratégias para melhorar. Ano passado, por exemplo, recebi uma ligação do gerente da WEG atrás de estagiários da Engenharia de Produção. As grandes empresas são bem interessadas nos nossos alunos, os formados que obtiveram um bom desempenho ao longo da graduação estão conseguindo bons cargos. Vejo o mesmo com os colegas que se formaram comigo. Somos referências, mesmo porque somos o 3º melhor curso de Engenharia de Produção do país, segundo a Folha.

Como foi sua experiência no curso Engenharia de Produção da UFSC? Que tipo de aluna você costumava ser?

Eu vivi a universidade, essa é a palavra, e vivo até hoje! Ficava dia e noite, fiz parte dos grupos PET e GELOG, fiz o curso de francês, praticava tênis aqui. Foi excelente, o que eu senti na época de aluna, que eu ainda sinto até, é que precisamos melhorar o currículo na questão de unir disciplinas, falta uma linha mestre que faça uma união melhor ou uma fase final que faça uma congregação dos conhecimentos. Com certeza a UFSC abriu-me portas, como por exemplo o intercâmbio acadêmico em uma universidade bem-conceituada na França.

Como foi sua experiência no grupo PET-EPS? E no GELOG?

O PET foi primeira experiência profissional, primeira vez que eu tive que trabalhar com gerenciamento, trabalho em equipe. Acabei ficando só três semestres no grupo porque fui para o intercâmbio do BRAFITEC. Foi ótimo, por exemplo, conheci a Mirna que hoje é minha colega. Depois, quando eu voltei da França, tive o interesse pela área de logística, e busquei o grupo do GELOG. Foi onde eu tive minha primeira experiência de escrever um artigo, de realizar palestras e cursos internos. Foram experiências enriquecedoras, indico meus alunos a participar das entidades oferecidas, lembrando-os sempre que não podem deixar o curso de lado. A maior dificuldade da vida é o equilíbrio, mas devemos sempre aproveitar as oportunidades. O PET foi meu divisor de águas, abriu meus olhos para enxergar todas as oportunidades que a UFSC poderia me oferecer.



Como foi a experiência de realizar graduação e doutorado sanduíche? Você recomendaria?

Recomendo! A graduação sanduíche foi a minha primeira experiência fora de casa e longe dos meus pais, já que sou de Floripa. No início, é difícil até a adaptação, mas depois foi excelente, a gente volta com um diferencial para empresas. O currículo enriquece bastante e todas as vagas que eu pleiteei, de estágio por exemplo, eu consegui. Já o doutorado, foi uma experiência única também, tanto profissional quanto pessoal. Tive a oportunidade de trabalhar como o melhor pesquisador em logística reversa do mundo. Eu via o nome dele em quase todos os artigos que lia e quando eu mandei e-mail e ele falou que eu poderia ir para Dinamarca trabalhar com ele, eu não acreditei! Foi uma experiência maravilhosa no sentido de engrandecedora (e não de fácil), porque foi difícil em diversos aspectos tanto pessoais quanto profissionais. Profissionalmente, porque por mais que ele seja uma pessoa legal e me ajudou em vários aspectos, eu estava do lado de quem sabia muito sobre o tema então eu me sentia um grão de areia, tive que trabalhar minha autoestima profissional para isso. Do lado pessoal, a Dinamarca é um país exemplo em diversos aspectos, mas nunca foi meu sonho de país para morar, por ser mais distante, pela questão da língua que eu não dominava, o clima bem rigoroso com os dias muito curtos no inverno. Foram barreiras que serviram para o meu crescimento e para valorizar o que temos aqui no Brasil.

Como é você fora da universidade? Qual é o seu maior sonho?

Apesar de trabalhar bastante, não me considero workaholic. Gosto muito da minha vida pessoal, da minha família, do meu marido, eu tenho gatos e cachorros que eu curto bastante. Gosto de viajar, tenho minhas atividades físicas que eu não deixo de fazer como Ballet Clássico, ando de stand up paddle. Com relação ao sonho, sou uma pessoa simples, no geral. Eu acho que realizei um grande sonho ano passado, que foi comprar minha casa, morar com meu marido e meus animais, esse foi meu maior sonho que ainda estou curtindo

Filme e livro favorito?

Tem dois filmes que gosto e revela um pouco do meu lado romântico: “Meia noite em Paris”, que trata do constante saudosismo, falando da Belle époque, inclusive gosto tanto de coisas clássicas que a decoração da minha casa segue esta linha “retrô”; e outro filme seria o “Chocolate”, um filme leve com uma história marcante.

A academia leva a gente para um padrão de pensamento bem racional, então eu estou lendo agora um livro do cientista Carl Sagan “O Mundo Assombrado pelos demônios”, que tem contribuído bastante para meus questionamentos atuais sobre a vida.

Um ídolo?

Nunca tive um ídolo intocável como muitas pessoas, tem. Acho que meus ídolos são meus pais, no sentido da combinação dos dois. Meu pai tem a personalidade muito agradável, é muito alegre, muito leve e piadista, me inspiro muito nele nesse lado. Minha mãe é um pouco mais séria, brava e ao mesmo tempo muito correta e ética, e é uma excelente professora. Com certeza são minhas maiores inspirações.



CONHEÇA SEU
PROFESSOR

Uma frase que você gosta?

“Se tá fácil está errado”. Não é nenhuma frase de efeito, mas me define muito. Sempre me confronto com desafios que depois eu me arrependo, mas compreendo e vejo que valeu a pena no fim das contas. Um grande exemplo disso é a coordenação dos cursos, mas está sendo um grande crescimento profissional e pessoal.